

O Fenômeno da Imigração e as Barreiras da Linguagem e “Não Foi Fácil” de Jose Clemente Pozenato

The Phenomenon of Immigration and Language Barriers in "Não Foi Fácil" by Jose Clemente Pozenato

 Francisco Pereira Smith Júnior¹

 Luane Oliveira Sales²

Resumo

Este artigo analisou a obra “Não foi Fácil” de Pozenato (2002), o conto trata a respeito da migração italiana para o Sul do Brasil. Neste texto observou-se os seguintes fenômenos: (1). O discurso ideológico e político; (2). O imigrante é um desterritorializado; (3) vive na condição de subalterno; (4). O choque cultural e linguístico. (5). Identidade e hibridismo. Todos esses fatores foram tratados em cada fragmento do texto, sob a análise do discurso. Selecionamos os respectivos autores: Bakhtin (1997); Fiorin (2012); Ferguson (1959); Calvet (2002); Coser (2005); Geertz (2008); Hall (2006); Burke (2003); Haesbaert (2005); Orlandi (2008); Sayad (2008), que subsidiaram as análises e resultados desta pesquisa.

Palavras-chave: Imigração; Desterritorializado; Línguas em contato; Hibridismo; Identidade.

Abstract

This article analyzed the work “It wasn’t easy” by Pozenato (2002, a story that treats about Italian migration from south of Brazil. In this text, it was observed theses following phenomenons: (1). Ideology and political Discourse; (2). Deterritorialized Immigrant;

¹ Doutor em Ciências pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA). Professor permanente do Programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). E-mail: fransmithj@gmail.com

² Mestranda do curso de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia - PPLSA/UFPA. E-mail: lane091@hotmail.com

(3). subaltern condition; (4). a clash cultural and linguistic; (5). Hybridism and Identity. All these factors were treated in each fragment of text about analysis of discourse. We were selected these respective authors: Bakhtin (1997); Fiorin (2012); Ferguson (1959); Calvet (2002); Coser (2005); Geertz (2008); Hall (2006); Burke (2003); Haesbaert (2005); Orlandi (2008); Sayad (2008) whose supported for data analysis and the obtained results this research.

Keywords: Immigration; Deterritorialized Languages in contact; Hybridism; Identity.

1. Introdução

A migração é um deslocamento entre fronteiras distintas, onde o sujeito vive um conflito ao se deparar com o novo território. A vinda de centenas de imigrantes para o Brasil no século XIX desencadeou um processo de conflito e resistência, pois migrar não se limita sair de um espaço físico e viver no outro, existe algumas implicações que dificultam a vida do imigrante. Dentre esses fatores positivos e negativos analisou-se o discurso no texto de Pozenato (2002) considerando o relato do narrador-personagem que é porta voz dos acontecimentos. Dentre os aspectos evidenciados no texto “Não foi Fácil” cita-se o discurso ideológico e político que atraíram os imigrantes ao Brasil; a posição do imigrante ser um desterritorializado e viver na condição de subalterno; o choque cultural e linguístico e a identidade híbrida da personagem. Vale lembrar que o movimento migratório realizado por muitos italianos para o Brasil, todas essas nuances foram determinantes para que os italianos conseguissem permanecer na sociedade de imigração brasileira, contudo, as dificuldades passadas por este grupo étnico foram marcantes e tentam ser retratadas neste texto de ficção.

Conviver na zona de contato é uma barreira que eles enfrentaram, mas temos que reconhecer que a herança cultural deixada por esse grupo ainda é preservada no Sul do país³, além do imigrante italiano ter ajudado a construir a identidade do povo brasileiro, por essa razão, somos um país híbrido e multicultural. Para subsidiar essa pesquisa contamos com os seguintes autores: Bakhtin (1997); Fiorin (2012); Ferguson (1959); Burke (2003); Calvet (2002); Coser (2005); Haesbaert (2005), Geertz (2008);

³ Um exemplo disso são os centros de tradições gaúchas (CTG), estes são sociedades civis sem fins lucrativos, que buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha tal como foi codificada e registrada por folcloristas reconhecidos pelo movimento.

Hall (2006); Orlandi (2008); Sayad (1998), que foram importantes para situarmos o contexto histórico e correlaciona-los com as teorias.

O propósito deste artigo foi destacar no texto literário “Não foi Fácil” a presença dos fenômenos linguísticos e culturais na zona de contato entre línguas distintas. A questão bilinguismo/diglossia, identidade, hibridismo, a condição de desterritorializado e subalterno. Estes foram pontos cruciais para a construção deste estudo, de modo que, nos possibilitou enxergar o quanto os imigrantes construíram nossa identidade nacional e da mesma maneira foram influenciados e assimilaram uma nova cultura e língua.

2. A saga do imigrante italiano no Brasil colonial

A política de imigração foi incentivada pelo governo imperial desde os meados do século XIX, logo após a abolição da escravatura. As campanhas promovidas pelo poder político vigente, buscavam atrair o maior número de imigrantes para o Brasil, dentre os que chegaram a América do Sul, temos: italianos, alemães, asiáticos, poloneses. Esses grupos étnicos desembarcaram no Porto de Santos⁴ em diferentes momentos, porém, todos tinham um objetivo em comum, conseguir desfrutarem de um convívio harmônico e recomeçar a vida na América, tendo moradia e condições de trabalho. É interessante observar a recepção desse imigrante no Rio Grande do Sul.

Depois de 1870, o governo imperial incentivou a vinda de colonos italianos para o Rio Grande do Sul. Pequenos cultivadores procedentes em sua maioria do Tirol, do Vêneto e da Lombardia estabeleceram uma série de colônias, das quais a de Caxias foi a mais importante. A atividade econômica dos italianos, além de seguir alguns caminhos semelhantes a dos alemães, especializou-se no cultivo da uva e na produção do vinho. Entre 1882 e 1889, em um total de 41.616 imigrantes que ingressaram no Rio Grande do Sul, 34.418 eram italianos. (FAUSTO APUD SANTOS, 2015, p. 3-4)

A imigração italiana no Rio Grande do Sul foi uma estratégia do governo imperial para povoar as zonas de fronteiras daquela região, um consenso de cunho geopolítico para expulsar os indígenas que vivam naquelas terras, além da substituição do trabalho escravo pelo dos imigrantes considerados livres. Por volta do século XX, com a perspectiva de modernidade, a imigração intensificou-se mais

⁴ Importante porto estuarino brasileiro, localizado nos municípios de Santos, Guarujá e Cubatão, no estado de São Paulo, possui o título de ser o maior complexo portuário da América Latina.

acentuadamente, incentivando a miscigenação com o objetivo de “branquear” a população brasileira.

Tratando-se de modo específico da imigração italiana, não ignorando as demais, mas vamos entender como o este grupo conviveu com as disparidades decorrentes da imigração. O maior fluxo migratório deu-se para as regiões sul e sudeste do Brasil, o propósito do governo era povoar o território garantido uma homogeneidade da raça, além de utilizarem a mão de obra estrangeira para o serviço braçal. Segundo Sayad (1988) o movimento migratório consolidou-se no Brasil em decorrência das diversas guerras ocorridas no continente europeu, à disputa por território, a escravidão, graves doenças, desemprego e miséria. Todos esses fatores contribuíram para o deslocamento de centenas de estrangeiros (italianos) para América do Sul. Sabendo dessas condições, a sociedade de imigração passou a incentivar esse processo de deslocamento entre fronteiras, através de discursos persuasivos de caráter ideológico publicados nos jornais da época com o propósito de convencer os imigrantes a saírem de seu país de origem e vir para o novo território brasileiro.

Por outro lado, tanto o governo italiano como também os brasileiros colaboraram para que as famílias deixassem o país, no entanto, esses grupos enfrentavam as piores condições durante a viagem e muitos acabavam não resistindo ao longo trajeto. Quando os italianos desembarcavam no território brasileiro, logo, eram alistados e conduzidos de trem para o interior desse país, localidades distantes do centro urbano. Para Sayad (1998) o imigrante passa a existir para a sociedade acolhedora, no momento em que ele atravessa a fronteira e pisa no território desconhecido; assim, ele nasce nesse novo “lugar”, passando a conviver com a cultura e língua. Devido a esse deslocamento, o imigrante encontra-se desterritorializado, aquele indivíduo que não é cidadão oficial, mas apenas um subalterno. Haesbaert (2005) alega o fato de que o indivíduo passa por um processo de identificação social, pois o sujeito perde a noção de seu território geográfico. Abaixo podemos ver os documentos do quais são confirmados a presença dos imigrantes do território do Rio Grande do Sul.

Sob esse ponto de vista, colocamos o imigrante no século XIX como um sujeito que vislumbrava ter uma vida prospera, entretanto, tiveram que conviver com as piores situações, seja a barreira do choque cultural e linguístico, como também o preconceito. Um dos principais problemas enfrentados por eles foram: nacionalismo, xenofobismo, criolização, opressão linguística, política, religiosa e cultural. Todos esses fatores são provenientes do contato com a sociedade de imigração.

Nesse sentido, temos que compreender a migração como um fenômeno de deslocamento, não como um fato isolado, mas que teve graves consequências para os imigrantes, pois repercutiu para esse grupo étnico uma “nova adaptação” em outro país. Considerando o caso dos imigrantes italianos, o contexto histórico da imigração, vinda de estrangeiros para outro território, foi sem dúvida, um fato marcante, uma vez que os imigrantes não deixaram sua pátria natal por questões pessoais, mas pela necessidade de solucionar os problemas que se agravaram naquela época. Sabe-se que as razões foram inúmeras, mais o crescimento demográfico foi um deles, principalmente porque uma grande parcela da população vivia no campo, eram trabalhadores rurais.

Sayad (1998) argumenta que esse fenômeno não se limita a um deslocamento físico, mas um poder simbólico que se concretiza nas relações sociais. Se por um lado, o imigrante viveu uma dualidade, uma contradição de sentimentos e incertezas, ele também é influenciado pelos costumes da pátria acolhedora. Ele é visto como um subalterno, sem direitos políticos nem sociais, a margem da sociedade, servindo apenas de mão de obra e desprovidos de remuneração satisfatória.

Devido ao contato cultural, o imigrante vive dentro de si numa complexa disparidade, um entrave entre sua identidade e a acomodação dos costumes da sociedade acolhedora. Essa questão de identidade é crucial para entendermos como ocorreram as trocas culturais deixadas pelos imigrantes no sul do Brasil. De acordo com Hall (2006, p. 21) “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida.” Esse confronto cultural e linguístico conduz ao fenômeno de “trocas culturais”, a fusão entre culturas distintas, se misturam e do mesmo modo resistem ao tempo. É interessante conceituar o termo contato, para designar a importância disso não propriamente no foco linguístico, mas na relação dos sujeitos que estabelecem a comunicação. A ideia de “linguagem de contato” é usada na linguística

para explicar o uso da língua falada na zona de fronteira entre línguas distintas, e convém dizer que se trata de “línguas improvisadas” que o locutor e o sujeito fazem uso da língua, de modo a manter a comunicação (PRATT APUD HANCIAU, 2005). O mesmo conceito foi transferido para o encontro entre culturas, no caso italiana e portuguesa, o instante em que as culturas se chocam, os indivíduos estabelecem relações assimétricas, de um lado a cultura materna e do outro a dominante. O imigrante vivencia uma realidade diferente da sua, numa relação de alteridade, o conhecer o diferente é também assimilar a cultura do outro de forma inconsciente. É claro que a resistência do imigrante em manter o padrão da sua herança cultural resistiu às adversidades, mas os italianos não perderam totalmente a ligação com seus traços culturais (HANCIAU, 2005). Essas questões são visíveis na obra de Pozenato (2002), e serão retratadas durante esta análise, a zona de conflito e resistência é marcante na obra, a condição do imigrante é relatada através do personagem narrador, de forma que, possamos observar em cada trecho da narrativa as razões que levaram ao deslocamento desse imigrante e o convívio dele na sociedade de imigração. Como mostra o trecho:

Narração 1: O meu avô veio da Itália: (Não dá para saber se existe uma ponta de orgulho na frase, ou apenas estranheza; para, interrogativo, e como que se desculpa). A senhora deve saber onde é a Itália, eu não tenho nem ideia. Pois meu avô veio pra não ter de viver pedindo esmola[...].(POZENATO, 2002, p. 12)

No fragmento em destaque, o narrador Jacó narra a vinda de sua família para o Brasil, e descreve que seu avô veio para a América por causa precariedade de alimento e pela má condição de vida que assolava a Europa. Ao visualizar o trecho, o narrador releva a dualidade constataando-se entre o sentimento de ser um descendente de italiano e subalterno. Logo abaixo o imigrante Jacó afirma:

Narração 2: Eu me criei trabalhando de unha e enxada. Todo santo dia no cabo da enxada, a tirana.

Narração 3: [...] A gente trabalhava feito mulas, sem nunca melhorar de vida. O vivente nascia pra comer polenta e morrer, não levantava o espinhaço do chão. Feito cobra. Feito minhoca [...] (POZENATO, 2002,p. 12)

O contexto geográfico, econômico e político, refere-se à condição do imigrante na sociedade brasileira, o trabalho árduo realizado nas lavouras de café. Ele segue falando que começou a trabalhar desde a infância, demonstrando que os imigrantes vivenciaram as piores condições de trabalho, sem direito a cidadania e também

sofriam opressão linguística. Desse modo, a vida de um estrangeiro no século XIX tornou-se complexa e difícil, do outro os “movimentos e as transformações da sociedade, compreendendo a negociação e o conflito, a integração e a fragmentação [...]” (IANNI, 2004, p. 105), foram reconfiguram a estrutura social da sociedade brasileira.

3. Língua e cultura

Conforme a evolução do homem no ambiente social, ele passou a interagir com o outro, desenvolvendo assim, seu sistema linguístico e passou a usar a linguagem como meio de comunicação e expressão dele com meio, isso ocorreu devido ao uso da língua enquanto sistema linguístico. O homem desenvolveu-se da interação com o outro, fazendo uso do sistema da língua para manifestar a linguagem de diversas formas, seja na pintura, arte e fala. Saussure (2006) define a linguagem sob dois pontos de vista: *langue* (língua) e *parole* (fala), o primeiro refere-se à linguagem como um fato social que se dar na interação com o outro; a segunda trata-se de uma ação individual, cada ser humano tem a liberdade para falar. Tal característica atribuída à linguagem nos permite perceber que ela é multiforme e heterogênea, por isso, o texto escrito por Pozenato (2002) é constituído de um conjunto de significados, um construto que se comunica por meio da interpretação da mensagem expressa pelo código da língua portuguesa. O autor ainda ressalta que “língua e escrita são dois sistemas distintos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro [...]” (SAUSSURE, 1991, p. 34).

Quando tratamos das línguas em contato, cada língua tem um sistema linguístico específico que a diferencia das demais, o sujeito encontra-se imerso na natureza cultural e passa a assimilar as crenças e hábitos daquele ambiente, o modo de falar característico de um determinado país é reconhecido pelas variantes linguísticas da fonologia, envolvendo tanto aspectos culturais quanto linguísticos, por isso, as representações de signos constroem nossa identidade. A língua é por sua vez constituída por signos, e são esses elementos que vamos criando nossa mente e percepção do valor simbólico.

Consoante à relação entre língua, linguagem e cultura, é importante destacar que o signo é a unidade fundamental das coisas, e nos permite associar uma coisa e

nomeá-la. Para Saussure (2006) o signo é representado na nossa mente pela realidade psíquica, e isso ocorre devido a dois pontos de referência: *o conceito e a imagem* acústica, essas duas partes que são inseparáveis, porém, cada uma tem sua função dentro do sistema da língua. O *significado* (conceito) e o *significante* (imagem acústica), possibilitando que o significante seja representado em diferentes línguas, mas nem sempre o significado daquele objeto será o mesmo no universo da cultura. Nesse sentido, o autor reitera sobre a arbitrariedade do signo; é algo normativo que o falante não pode mudar, tornou-se comum aos membros daquele grupo.

Enquanto a língua pode ser entendida como um produto acabado, transmitida aos descendentes; não podemos ignorar a cultura, as práticas culturais de um grupo social que constrói seu universo simbólico de representação, pois “[...] conhecer uma cultura é como conhecer uma língua. Ambas são realidades mentais. Descrever uma cultura é como descrever uma língua” (COX; PETERSON, 2007, p. 30). A cultura se materializa na realidade do mundo, é o meio de interação social que temos com os outros, e antes mesmo de nascermos o universo simbólico já existe, e nós apenas passamos a descobri-lo, reconhecendo-o como parte integrante dessa cultura, compartilhando hábitos e crenças. Do mesmo modo, a língua enquanto construto coletivo também é o canal por onde conseguimos nos comunicar por meio da linguagem e expressar nossos hábitos. Corroborando a ideia anterior, Bakhtin (1997) afirma que a língua evolui exatamente no fenômeno de interação verbal, com isso, entendemos seu caráter dialógico.

Evidenciando a característica dialógica da língua, é relevante observarmos como o homem forma sua visão de mundo por meio da cultura. O conceito de cultura tem valor semiótico para Geertz (2008), ao declarar que essa relação se consolida na experiência do homem no seu grupo social, sendo manifestada através da linguagem.

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 10)

Cultura e língua caminham lado a lado, ambas nos permitem localizarmos no mundo, nossa identidade, quem realmente somos. A cultura nos conduz a um entrelace de significados, no qual usamos a linguagem para expressá-lo através do nosso pensamento. Nesse sentido, “a linguagem é a matéria do pensamento, é

também o próprio elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação” (KRISTEVA, 1969, p. 18). Assim, o homem consegue expor seu pensamento através da linguagem, sem linguagem não haveria comunicação, já que quando o indivíduo fala ou escreve ele produz um discurso sistematizado. Por isso, um texto é elaborado conforme as ideias implícitas na mente do autor/escritor, é através do código da língua que ele vai detalhando uma estória de ficção baseada na realidade, e quando lemos um texto nos aproximamos de uma ficção criada pelo autor, e quanto mais nos identificamos com a obra, vamos relacionando-a com nossa realidade, fazemos uso da interpretação para compreender o que se passa na mente do autor, por isso, “[...] a leitura se define ao mesmo tempo como absorção e criação, processo de intercâmbios dinâmicos constituindo a obra na consciência do leitor.” (ZUMTHOR, 1990 APUD GONÇALVES, 2006, p.76).

Ao penetramos no texto de Pozenato (2002), nos deparamos com a realidade do século XIX, o contexto de imigração dos italianos, as contradições e adversidades desse grupo étnico, seja a barreira linguística ou o preconceito. Mediante a leitura do texto percebemos que a imigração é um fato complexo porque envolve a convivência e contato de povos distintos habitando o mesmo espaço. Sendo assim, temos o grupo dominante e o dominado.

Narração 4: [...] ficava na venda ouvindo as conversas. Não entendia quase nada. A senhora sabe, em casa a gente só falava italiano.

Narração 5: [...] E via como se vestem, a bombocha, as botas, o chapéu de barbicacho, e eu de pé no chão, minha calça de riscado a meia perna. Olhava, escutava as histórias, ia aprendendo. (POZENATO, 2002, p. 13)

A partir desse fragmento, conseguimos entender como a cultura da sociedade de imigração passa a fazer parte da realidade do imigrante. O italiano passa a assimilar à língua do dominante, entretanto, a língua minoritária é falada no núcleo familiar. Porém, a primeira geração consegue manter o contato com a língua materna, as demais gerações vão deixando de falar (italiano) e a língua portuguesa torna-se oficial. Dessa relação linguística e cultural, ocorre o fenômeno de bilinguismo e diglossia, o primeiro termo é conceituado por Weinrich (1953 apud Calvet, 2002) em seu texto *Languages in contact* para designar o encontro de dois códigos linguísticos falados em um mesmo espaço. Para melhor esclarecer essa situação, Ferguson

(1959, p. 245) refere-se ao domínio das línguas em contato explicando o fenômeno da diglossia:

Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to primary dialects of the language (which may include a standard or regional standard), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature [...] which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation. (FERGUSON, 1959, p. 245)⁶

Fazendo uma relação entre as línguas italiana e portuguesa, houve conflito e resistência, de um lado a língua dominante e a minoritária, sendo que os sujeitos ao se comunicarem tiveram que se adaptar, realizando empréstimos e transferências linguísticas. Além disso, a cultura também era uma barreira nessa zona de contato, pois o imigrante foi inserido ao longo do tempo na cultura local, desfrutando de hábitos e costumes da cultura alvo, como é visível no (trecho 5).

Pensando nisso, o Mello (2011 apud Silva, 2011, p. 150) assegura que “[...] o desejo de ser aceito na cultura do outro é, muitas vezes, movido pelas experiências negativas que indivíduo vivencia em relação à sua própria cultura no seu meio social [...]”. Ou seja, o imigrante vive um conflito dual, o desejo de manter presente seus costumes, entretanto, também sofreu represália.

Narração 6: Deram de me chamar de Jacó, de italiano, de polenteiro. (POZENATO, 2002, p. 14)

O fragmento mostra uma situação de preconceito vivido pelo narrador-personagem, por ter hábitos diferentes da sociedade acolhedora, era ofendido como “polenteiro”. Contudo, o italiano Jacó tinha a necessidade de conviver com a situação, embora constrangedora, porém, assimilou a cultura local, vestindo-se como um “peão” para ser aceito. Dessa maneira, o texto descreve a contradição da vinda do imigrante, um sentimento de permanecer ou de sair, no entanto, uma perspectiva frustrada.

⁶Our Translation: Diglossia é uma situação linguística relativamente estável, no qual além das primeiras formas dialetais da língua (pode incluir um padrão ou um padrão regional) existe uma variedade divergente muito superposta, altamente codificada (sempre mais complexa gramaticalmente) uma variedade com uma grande variedade superposta e um conjunto de literatura escrita e respeitada [...] é estudada na educação formal, usada em muitos escritos e na fala oral formal, mas não é utilizada na conversação na comunidade em nenhuma parte.

4. Hibridismo linguístico e cultural

Inicialmente o termo hibridismo foi considerado no campo da ciência biológica por Charles Darwin (2001 apud KERN 2004) estudando o cruzamento entre espécies diferentes, um processo genético dando origem a um animal híbrido. O mesmo conceito foi transposto às ciências sociais para designar a mistura de raças, numa relação entre culturas diferentes, surgindo assim, um ser humano mestiço, com “traços de ambas os descendentes” (CUNHA 1996 apud KERN, 2004, p. 54). Essa dimensão social sobre o estudo das culturas deu uma nova configuração ao conceito de hibridismo; ao nosso ver, a interação do homem no universo da cultura passou a ser observado sob o ponto de vista do contato entre grupo sociais, ocorrendo uma fusão híbrida, onde os elementos simbólicos e variações linguísticas vão resultando na formação de dialetos e hábitos compartilhados. Assim, o historiador Burke (2003) debruçou-se a entender esse fenômeno ao qual denominou de *hibridismo cultural*, desvinculando do conceito das ciências biológicas, tratando o termo como um fato cultural relacionado à experiência do homem enquanto indivíduo inserido na cultura e a forma como ele acomoda a cultura do outro, referindo-se a questão da identidade.

À medida que os grupos étnicos entram em contato, ambos trocam uns com os outros elementos culturais, esse processo de troca é entendido como hibridismo, uma mistura entre raças distintas que compartilham significados pertinentes ao seu universo, isso é chamado de hibridização, sendo que o produto resultante é o híbrido. Segundo Burke (2003, p. 53) “todas as culturas estão envolvidas entre si”, pois não temos como impedir que a zona de contato ocorre quando duas comunidades estão dispersas no mesmo espaço, o processo de hibridismo vai acontecer, porém, os conflitos sempre levaram a disputa e resistência de ambos os grupos. Numa relação entre culturas haverá um grupo dominante e outro dominado, mas a influência da sociedade de imigração tornasse-a tão incisiva que o falante da língua minoritária será afetado pelas circunstâncias.

Além do hibridismo cultural mencionado por Burke, também fazemos parte do hibridismo linguístico, as variações, dialetos, empréstimos e transferências são reflexão desse processo. Segundo Burke (2003) o hibridismo estava associado a dois aspectos: polifonia e heteroglossia, designando a variedades de linguagens. Visualizamos no Conto “Não foi fácil” a interação da cultura italiana e portuguesa, o

modo como os italianos foram assimilando o código da língua dominante nas conversas informais. A dualidade de forças divergente é retratada no texto, de um lado a imposição da língua dominante, do outro, o imigrante como subalterno e desterritorializado, vivendo as incertezas num lugar desconhecido. Moreira (2001 apud Coser 2005) discorre sobre a ideia de hibridismo cultural e discorda de Burke, ao ver tal fenômeno como um disfarce ideológico para promover a reterritorialização capitalista. Essa ideologia explica a política do governo para atrair os imigrantes ao Brasil, destacado pelo autor como uma política subalternista.

4.1 A identidade no discurso do imigrante

Devemos olhar o conceito de identidade, não como algo estático que nos identifica de onde somos, mas o que temos construído em nossa mente, enquanto conhecimento de mundo e como isso nos afeta. De um lado temos uma pátria natural, aquela onde nascemos, do outro, a alteridade do diferente a nossa frente, pois conviver com o diferente nos possibilita conhecer-nos e aprendermos com o outro. É assim, que a identidade vai sendo terciada, pois a cultura alheia nos afeta e por ela somos afetados. Para Hall (2006) deve-se ter em mente que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. Quanto mais nos expomos a diversas situações de contato, perdemos uma parcela de nossas tradições e assimilamos outra. Desse conjunto de conhecimento vai surgindo um “novo olhar” sobre a realidade do outro, por isso, o conhecimento cultural é acomodado pela interação com o outro. No caso da interação dos sujeitos (italianos e brasileiros), a comunicabilidade foi determinante na transmissão dos hábitos e variações linguísticas, evidenciados no relato do narrador:

Narração 7: Mas ganhei um par de bombachas de chita e um chapéu velho de campeiro. Assim, fiquei uns tempos, tirando leite, puxando água, varrendo o terreiro.

Narração 8: [...] quando dei por mim estava estendido num pelego, no galpão, uma guria da casa me botando compressas. (POZENATO, 2002, p. 14)

As mudanças ocorridas nos hábitos culturais e linguísticos acentuaram-se. O imigrante passou a se aceitar no país acolhedor, seu vestuário característico de um trabalhador rural subalterno, sem direito sociais nem políticos, as variantes linguísticas

da língua italiana foram dando lugar ao falar regional da “Boca da Serra”, cidade do interior de Porto Alegre. Diante dessa circunstância, a “identidade é um movimento, tanto no seu modo de funcionamento (entre o eu e o outro) como em sua historicidade (devir, mas também a multiplicidade na contemporaneidade)” (ORLANDI, 2008, p. 54). Poderíamos argumentar que a identidade nos expõe a uma reflexão pessoal, principalmente a discussão sobre imigrante, do seu papel na sociedade acolhedora, as formas como eles rompem barreiras linguísticas e passando a ser encontrar dentro de uma sociedade onde a língua oficial era o português. Face a essas dificuldades, notamos no texto “Não foi Fácil” que a identidade é fragmentada, sendo consolidada inconscientemente.

Em outro trecho do discurso do falante italiano, observamos que o personagem Jacó tinha uma expectativa de prosperar, embora, os contrastes o colocassem na condição de subalterno, ele nunca desistiu. Conforme vemos abaixo:

Narração 9: [...] ainda vou ter meu campo, andar a cavalo o dia inteiro, olhar os bois. (POZENATO, 2002, p. 13)

O discurso é um pensamento materializado na linguagem escrita, uma manifestação da língua em situação de comunicação. Para nos referir ao termo discurso, é preciso compreender que este funciona na relação entre o locutor e interlocutor, quando o sujeito expressa uma ideia, nesse caso, na estrutura de um discurso temos: (1). Enunciado (é um seguimento discursivo oral ou escrito, um conjunto de signos expressando pausas, entonação e pontuação); (2). Enunciador (aquele que produz o enunciado); (3). Enunciatário (a quem é dirigido o enunciado). A enunciação é a estrutura de um discurso, carregada de significados, é através dele que a mensagem é conduzida através do código da língua, e convém ao interlocutor interpretá-lo. Tratando-se do texto em discussão, é um gênero textual ao qual conhecemos como conto, uma narrativa curta, com poucos personagens. No entanto, contêm uma densa carga de elementos linguísticos e extralinguísticos que só conseguimos identificá-los diante da leitura. Considerando essa questão, Bakhtin (1997) declara que o discurso é nada mais do que a enunciação de “uma outra pessoa”, concordando com esse argumento Fiorin (1995) afirma que:

o discurso são as combinações de elemento linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. (FIORIN, 1995, P. 11)

Com efeito, a obra em análise é um retrato no ambiente rural do século XIX em Porto Alegre, diz respeito à rotina árdua dos imigrantes na condição de trabalhadores campestres, sem perspectiva trabalhista e tão pouco eram reconhecidos como cidadãos. São esses acontecimentos que o escritor vai detalhando no texto, com o intuito de apreciarmos as causas e conflitos resultantes do choque linguístico e cultural, assim, “[...] para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala” (BAKHTIN, 1997, p. 92). Compreender os hábitos das comunidades envolvidas é também correlacionar a importância do imigrante na sociedade brasileira, como o falante italiano foi adotando os costumes, um processo híbrido ora consciente e inconsciente.

Narração 10: Um dia apareceu na venda um tropeiro querendo ajudante. Eu não entendia nada da tropa, mas me apresentei. Cinco mil réis, não me esqueço, pra levar uma boiada até Porto Alegre. Foi aí que comprei meu primeiro par de botas, tinha ficado gente. Lidei com tropa dez anos. (POZENATO, 2002, p. 15)

Narração 11: [...] esta fazenda é aquela mesma do falecido Otávio Carvalho, onde vim parar quando era pequeno. Comprei aos poucos e fui ficando com tudo. A moça que foi me botar compressa no galpão era ela, essa mesma, a Isaltina. (POZENATO, 2002, p. 16)

A migração é mais que um deslocamento geográfico, é uma mistura étnica, uma ampliação da dimensão “identitária”, em que o imigrante italiano passa a desfrutar dos hábitos da nova cultura. No entanto, o texto possui um aspecto curioso, pois a personagem Jacó, além de descrever sua trajetória como subalterno, também consegue ascender socialmente, uma vez que, seu trabalho como “tropeiro” contribui para isso. Jacó casa-se com uma cidadã brasileira e herda a fazenda onde trabalhou grande parte de sua vida, isso nos faz pensar o quanto “o estrangeiro habita em nós, ele é a face oculta da nossa identidade” (KRISTEVA, 1994, p. 9)

5. Considerações finais

Nosso olhar cauteloso sobre a migração é algo extraordinário e complexo, envolve uma situação política e econômica, afetando a comunidade de imigrante que contribuíram não apenas como mão de obra, mas viveram uma situação de desvalorização trabalhista, uma contrariedade de duas forças antagônicas. De um lado, a cultura dominante e do outro a minoritária, o desconhecido passa ser uma

barreira enfrentada por eles. Todos os fatores corroboraram positivamente ou negativamente para vinda dos imigrantes ao Brasil e conseqüentemente sua condição como subalterno. Assim, esta análise possibilitou ver o diferente como algo capaz de construir nossa experiência. Reconhecer-nos como sujeitos híbridos é saber conviver com o diferente, pois a identidade dos falantes italianos foi sendo fragmentada e herdamos deles traços culturais e linguísticos que perduram até hoje.

No texto analisado vimos que a imigração não é um fenômeno acabado, pelo contrário, ainda ocorre atualmente com maior frequência, entretanto, a situação exposta nessa narrativa coloca o imigrante como subalterno. Porém, o narrador personagem superou sua condição e ascendeu socialmente, além disso, a língua também foi uma questão difícil; dois códigos interagindo ao mesmo tempo, a sobreposição da língua dominante sobre a minoritária.

Referências

BAKHTIN; M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec 1997.

BURKE; P. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003.

COSER; S. **Híbrido, hibridismos e hibridização**. Conceito de Literatura. Juiz de Fora: UFES, 2005. p. 163-188.

COX, Maria; PETERSON, Ana. **Transculturalidade, Linguagem e Educação. Campinas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

FAZITO; D. **Os dois aspectos fundamentais do retorno**: símbolos e topologias do processo de migração e circularidade. UFMG. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2015.

FERGUSON; C. Diglossia. **Word**. v. 15, 1959. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Ferguson-Diglossia.pdf>> Acesso em: 15 de jun de 2015.

FIORIN, José. Tratamento discurso de questões de linguagem: In: **Em busca do sentido; estudos discursivos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GEERTZ; C. **A interpretação das culturas**. 13. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Fabiano. **Tradução, interpretação e recepção literária: manifestações de Edgar Allan Poe no Brasil**. 141f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgletas/defesas/2006/FabianoBruno.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2015.

HALL; S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT; R. Migração e desterritorialização. In: POVOA NETO, H; FERREIRA, A. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. RJ: Revan, 2005. p. 35 -46.

HANCIAU; N. **Entre lugar. Conceitos de literatura e cultura**. Eurídice Figueiredo (org). Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 25-141.

KIEFER; C. et. al. Pátria estranha-histórias de peregrinação e sonhos. In: POZENATO. **Não foi fácil**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

IANNI; O. **O migrante, capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2004, p. 91-101.

KERN; D. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. **Revista Metis: História & cultura**, São Paulo: PUCRS, p. 53-70.

KRISTEVA; J. A linguagem, a língua a fala, o discurso. In: **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

SANTOS; M. **A imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do Século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, online. Disponível em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao09/materia01/texto01.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2015

SANTOS; M. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAUSSURE; F. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE; F. **Curso de linguística**. Cultrix: São Paulo, 1991.

SAYAD; A. **A imigração ou paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD; A. **O que é um imigrante?** A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998, p. 45-72.

SILVA; S. (org). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. Coleção: linguagem e sociedade. V.2. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011.

ORLANDI; E. **Civilização e cultura, terra à vista discurso do confronto**: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2008.